



QUASE 100
UFRJ comemora
99 anos de
excelência
acadêmica
e começa a
contagem
regressiva para
o centenário.

Página 8

CORTES AMEAÇAM PROJETOS DE EXTENSÃO

Página 7



FERNANDO SOUZA

CHAPA 1 VENCE AS ELEIÇÕES

Foi a terceira vitória consecutiva do grupo político que lidera a AdUFRJ desde 2015. Com uma diferença de 257 votos sobre a segunda colocada, a chapa Juntos pela Universidade venceu o pleito e comandará o sindicato dos professores da UFRJ pelos próximos dois anos. “Chega de dissenso. Esse é o grande recado da eleição. Precisamos encontrar um caminho para a unidade em defesa dos pilares básicos da universidade pública. Temos uma urgência enorme”, diz Eleonora Ziller, presidente eleita da AdUFRJ. Páginas 2,3, 4 e 5

MISSÃO CUMPRIDA

DIRETORIA

AdUFRJ renovou sua direção em ambiente democrático e transparente. 1239 docentes sindicalizados compareceram às urnas, o que não deixa de ser significativo, num momento tido como de desmobilização.

A vitória coube à Chapa 1, cujo nome, “juntos pela universidade”, expressa a disposição de dar continuidade ao movimento que em boa medida caracterizou o mandato da atual diretoria: juntar – juntos pela democracia, juntos pelo nosso futuro! – esforços contra o inimigo principal que está fora da Universidade. E que é contra a Universidade.

Concidentemente, no dia seguinte à apuração dos resultados, um artigo assinado por Frei Betto, na página 30 do Globo, “Face autoritária do neoliberalismo”, denunciava os horrores da conjuntura (no Brasil e no mundo) e concluía chamando às falas a intelectualidade, em particular o meio universitário. “Resta aos críticos saírem de suas redomas acadêmicas para ajudar

os vencidos a descobrir que possuem uma força capaz de virar o jogo e instaurar a democracia”.

Os vencidos: o povo em geral, enganado pelas verdades alternativas, iludido por um consumo de má qualidade, insuflado ao ódio difuso e à descrença na política, que acaba por “dar apoio a quem vociferava em tom bélico”. Mas, de fato, o que o articulista destaca é a derrota da democracia pelo (paradoxal que seja) neoliberalismo. Ou, melhor dizendo, o descarte da democracia pelo capitalismo.

Sem dúvida o autor não está isento de suspeitas quanto a suas preferências ideológicas. Católico, seguidor do Papa Francisco, defensor do Sínodo da Amazônia... quase um comunista cultural. Mas vamos combinar que comunismo, hoje, é uma espécie de apocalipse zumbi, que só existe na cabeça de alguns membros da ala folclórica do governo federal. Ou alguém acredita que Kim Jong-un é marxista-leninista?

O argumento de Frei Betto é consistente. Com a derrocada da União Soviética e a ausência de alternativas, o capitalismo não precisa mais ostentar a imagem de seu casamento com a democracia, nem anunciar que ela passou a se chamar socialdemocracia. O mercado quer austeridade, privatização

do patrimônio público, flexibilização das relações de trabalho, desregulamentação financeira etc. Quanto menos direitos, mais competitividade. Pra que democracia?

Contudo, há saída. Esse é o recado. Recado que tem endereço certo: a universidade. Porque é na estreita associação com o conhecimento que a democracia encontra vida.

Não à toa, Bolsonaro e símiles estrangeiros menos toscos detestam qualquer vislumbre de saber. O obscurantismo frutifica sob ditaduras e se acerta convenientemente com lucros e dividendos.

Dentro da universidade – epicentro da produção, da transmissão e do compartilhamento, com a sociedade, do conhecimento – é possível construir a linha de frente de uma ampla coalizão, competente para triunfar sobre as trevas e o arbítrio. A UFRJ se mobilizou para escolher seus dirigentes e para indicar os rumos de sua representação sindical; foi às ruas clamar por recursos para a educação e tem respaldado as estratégias de pressionar o Congresso para resistir ao desmonte das instituições de pesquisa. A disputa terminou. É hora de juntar. Juntos pela UFRJ, juntos pela democracia, juntos pelo nosso futuro.

RETRATOS DA SEMANA

JOÃO LAET



CORDIALIDADE Os candidatos à vice-presidência das duas chapas, professores Felipe Rosa e Selene Alves, confraternizam com a professora Mônica Cardoso, da comissão eleitoral, no segundo dia da votação

JOÃO LAET



PRIMEIRA A professora Vânia Maria Carneiro da Silva, da Medicina, foi a primeira a participar da eleição. Votou na seção eleitoral do hospital, que abria mais cedo que as demais

FERNANDO SOUZA



PARTICIPAÇÃO Reitora Denise Pires de Carvalho vota no CCS e docentes formam fila em seção eleitoral na Praia Vermelha. Ao lado, a presidente da AdUFRJ, professora Maria Lúcia Werneck acompanha o processo eleitoral

ANA BEATRIZ MAGNO



COMISSÃO ELEITORAL Luciano Coutinho, Mônica Cardoso, Ricardo Medronho e Hélio de Mattos Alves reunidos no dia da apuração dos votos. Ao lado, a professora Martha Werneck, da EBA, que ajudou na campanha da chapa 2

KELVIN MELO



SILVANA SÁ E ANA PAULA GRABOIS

A presidente eleita da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, resume a tarefa após as eleições. “Chega de dissenso. Precisamos encontrar um caminho para a unidade em defesa dos pilares da universidade pública: ensino, pesquisa, extensão e a liberdade de cátedra”, comenta. Sua chapa venceu as eleições da seção sindical com 734 votos, contra 477 da Chapa 2. É a terceira vez consecutiva que o grupo formado em 2015 – em oposição a movimentos grevistas dos anos anteriores – vence a disputa na seção sindical. Compareceram às urnas 1.239 eleitores.

Para Eleonora, os professores responderam por meio do voto o que fazer diante do momento político do país. “O que estava em jogo era o sentimento da categoria diante da conjuntura atual. E que perfil de gestão eles queriam à frente do sindicato neste momento”, disse.

A decisão dos professores aponta para uma capacidade de diálogo e de aglutinação de forças, avalia a presidente da AdUFRJ, professora Maria Lúcia Werneck Vianna. “Os docentes deram esta resposta. Votaram na continuidade do nosso projeto, que é justamente a ampliação de alianças e de atuação política em diferentes esferas”, comenta. “Venceu uma chapa ampla, que trabalha pela unidade, que busca apoios para

enfrentar o nosso verdadeiro inimigo, que é o governo Bolsonaro”, opina a dirigente.

Para Maria Lúcia, os graves ataques à educação, à ciência e à democracia tornam o resultado das urnas ainda mais importante. “Ganhamos todos. Agora é hora de união”, conclama.

A tarefa número um da gestão, conta Eleonora, é uma grande campanha de filiação de novos professores. E reatuação dos mais antigos, hoje afastados da vida sindical. “Precisamos de uma campanha muito consistente e queremos todo mundo: tanto os jovens docentes e sua enorme potência transformadora, quanto os anti-

gos, tão importantes na construção da universidade”, diz.

Outro alvo será a sindicalização dos professores substitutos, para uma maior integração com a UFRJ. “Eles têm a possibilidade de se filiarem a custo zero enquanto durar seu tempo de permanência na universidade. É importante contar com esta substantiva parcela de colegas”.

A nova gestão também quer ampliar o diálogo com a sociedade. “É fundamental aprofundarmos o trabalho que já vem sendo feito”, considera. Ela propõe alguns caminhos: fazer aliança com todas as associações docentes do Rio de Janeiro e ampliar o alcance do

Observatório do Conhecimento. “Há muito material sendo produzido e que precisa chegar a um número cada vez maior de pessoas”, afirma a professora.

A Chapa 1 foi apoiada pela atual diretoria. Felipe Rosa, da atual gestão, será o novo vice-presidente. Eles venceram em 16 dos 23 locais de votação. A Chapa 2, “Adufrj em Movimento Pela Base”, das professoras Alessandra Nicodemos e Selene Alves Maia (vice), venceu a disputa em sete locais.

Apesar da substantiva vitória, a presidente eleita considera que o momento político pedia uma maior participação dos professores. A presença nas ur-

nas foi um pouco menor que em 2017. “Os docentes precisariam de um quórum maior neste momento adverso”, diz. Apesar disso, Eleonora destaca o esforço de todos os professores da UFRJ na defesa da educação. “Eles estão determinados a defender o seu trabalho como docente, sua produção científica e a universidade pública”, afirma.

A futura presidente afirma, ainda, que a AdUFRJ precisa “alimentar” a comunicação com as unidades e conta com o apoio do Conselho de Representantes. “O CR deve funcionar como os braços da atuação sindical na universidade. É uma instância muito cara para nós”, finaliza.

JOÃO LAET



UNIDADE Para Eleonora Ziller, sua vitória indica a necessidade de formar alianças políticas mais amplas em defesa da universidade pública

“CAMINHAREMOS JUNTOS”, DIZ CANDIDATA DA CHAPA 2

FERNANDO SOUZA

■ Na atual conjuntura desfavorável à universidade, a candidata a presidente da Chapa 2, Alessandra Nicodemos (Faculdade de Educação), disse que o grupo de apoio da chapa, mesmo derrotado, vai apoiar a próxima gestão da AdUFRJ. “Desejamos a ela bons frutos, uma boa luta, porque é isso que a universidade e a educação precisam. Caminharemos juntos. A grande vitória da campanha é que conseguimos pautar o debate na nossa perspectiva: contra a privatização da universidade, o Future-se e o governo atual”, disse. Alessandra destacou que vai manter a disposição de trabalhar com a AdUFRJ na defesa da universidade, da educação e da carreira docente. “O 15M, o

30J foram construídos juntos, vamos continuar pautando e participando. As nossas questões não morrem com a nossa derrota, elas estarão na disputa de sujeitos políticos que entendem que a atuação sindical deve se refletir na mobilização”, completou. Para a docente, a atuação vai se manter no Conselho de Representantes e em assembleias e mobilizações. “Não é a eleição que encerra um projeto político sério, responsável e combativo”.

A candidata espera da próxima gestão maior participação do Conselho de Representantes nas decisões da seção sindical, pois houve um “avanço significativo” na escolha dos conselheiros. “Vamos cobrar a maior participação do Conselho de

Representantes, que deve ser efetivamente um ponto estruturante da luta. O fortalecimento do conselho é a nossa maior expectativa porque é o reflexo de um trabalho com a base, para que possa refletir as lutas e pautas locais e agregar na luta geral pelo país”, afirmou.

A candidata avaliou a campanha “muito positivamente”. “Conseguimos pautar o debate, de um sindicato ativo e, principalmente, autônomo de reitoria, governos e partidos políticos. É uma marca do nosso projeto e mobilizou de uma certa forma uma unidade no discurso das duas chapas. Ficamos felizes porque nossas ideias foram incorporadas pela gestão que ganhou”, disse a professora. **(Ana Paula Grabois)**



“DESEJO à gestão boa luta. Universidade e educação precisam disso”

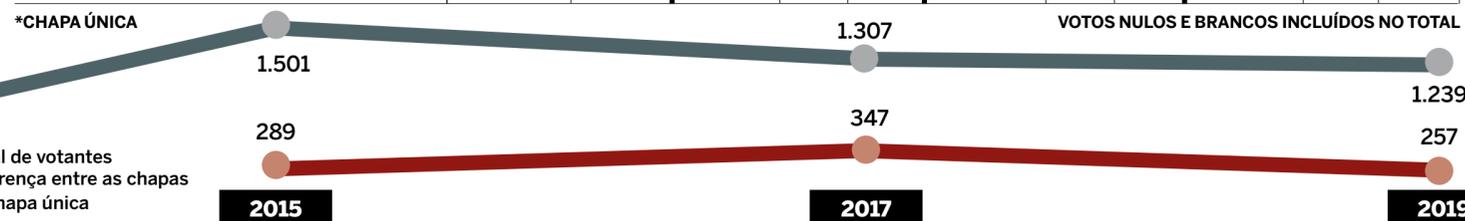
MAPA DOS VOTOS

Os números da eleição ajudam a compreender o movimento docente na UFRJ e a traçar estratégias para fortalecê-lo. Por três pleitos seguidos, dois grupos políticos se enfrentam. O que venceu acumula três vitórias consecutivas e se formou depois da greve de 2015, com uma crítica severa ao modo de condução das longas paralisações que ocorriam na UFRJ. É fortemente representado por professores do Fundão, com presença intensa no Centro de Tecnologia, no CCMN e no CCS. São professores que incorporam a defesa da ciência à luta política. O outro grupo comandou a AdUFRJ por mais de duas décadas, defende formas tradicionais de mobilização, tem raiz na luta sindical, é defensor das últimas gestões do Andes, e sua maior expressão eleitoral se concentra na Praia Vermelha, nos cursos de Educação e Serviço Social, e no CAp. “Essa eleição mostrou que o movimento docente segue um padrão definido por unidades acadêmicas”, resume a vice-presidente da AdUFRJ, professora Ligia Bahia. “Precisamos romper essas fronteiras para nos mobilizar mais”. Outro dado relevante é a participação. Em 2013, havia apenas uma chapa e o envolvimento foi menor – 413 votantes. Em 2015, o número quase quadruplicou. E de lá para cá, caiu duas vezes. Em 2017, 1308 professores votaram. Em 2019, 1239. “Temos que nos aproximar dos novos professores”, completa Fernando Duda, diretor da AdUFRJ.

COMISSÃO ELOGIA PROCESSO ELEITORAL

Os dois dias de votação da eleição da Adufrj transcorreram praticamente sem imprevistos. Segundo o presidente da Comissão Eleitoral, professor Ricardo Medronho, o único contratempo aconteceu no campus da UFRJ em Caxias: “Não pudemos fazer dois dias de votação em função de um problema de falta de água. O campus ficou fechado em um dos dias”, disse. O professor ressaltou que, como se tratava de uma seção com poucos eleitores – 9, sendo que 3 votaram –, o incidente não afetou o resultado total. Medronho fez uma avaliação positiva do processo eleitoral. “Os debates e a disputa foram do nível de comportamento que se espera de docentes da UFRJ”, disse. Em relação à participação, por outro lado, algumas situações chamaram a atenção do docente. “É o caso da Música, por exemplo, que, apesar dos 72 eleitores, só registrou dois votos”, completou. Sobre a apuração, também citou avanços. “Ganhamos tempo na contagem, deixando os votos separados para o final. Ter a maior parte apurada logo aliviou a tensão da discussão sobre as cédulas válidas ou não das votações em trânsito”, justificou. A apuração, que teve início às 9h do dia 13, foi encerrada por volta das 13h. Queixa entre mesários, a desatualização das listagens de votantes foi reconhecida pelo presidente da comissão. “Vou deixar como conselho para a Adufrj que busque resolver esse problema. É uma situação muito chata”, Medronho citou o exemplo da professora Denise Freire, atual pró-reitora de Pesquisa, que atua há anos no Instituto de Química. O nome ainda constava como da Faculdade de Farmácia, onde ingressou”, disse. **(Elisa Monteiro)**

SEÇÃO ELEITORAL	2013-2015*		2015-2017			2017-2019			2019-2021		
	CHAPA		CHAPAS			CHAPAS			CHAPAS		
	VOTOS	1	VOTOS	1	2	VOTOS	1	2	VOTOS	1	2
PV 1: FACC / Economia	38	38	97	44	51	78	50	28	47	30	16
PV 2: Serviço Social / Psicologia / Ipub / Nepp-DH	44	42	109	72	34	94	42	50	66	7	54
PV 3: Educação/ECO	32	30	82	42	38	63	26	36	71	27	44
IFCS/IH: IFCS / História	18	12	62	25	35	49	35	12	46	37	9
FND: FND / Valongo	17	17	29	24	5	23	4	19	17	5	12
Música: Música	2	2	12	6	5	9	6	3	2	2	0
Museu: Museu Nacional	6	6	13	3	10	16	7	6	16	11	5
Anna Nery: Enfermagem	20	18	44	33	11	34	9	23	29	10	19
HUCCF: Medicina/Odontologia/IDT/Ginecologia/ Maternidade-Escola	8	7	48	32	16	55	45	10	33	30	2
IPPMG: IPPMG/Educação Infantil	-	-	18	15	3	2	2	0	3	2	1
IESC: IESC	5	5	15	7	8	16	10	6	5	5	0
CCS1: Farmácia/Biologia	21	18	66	10	54	58	53	4	74	70	3
CCS2: Biofísica/IBQm/ICB/Microbiologia/ Nutrição/IPP/NUtes	14	14	132	32	99	118	86	29	89	71	17
EEFD: EEFD	13	11	44	31	12	43	10	31	44	9	33
LETRAS: Letras	43	39	85	44	39	73	39	32	80	51	28
REITORIA: EBA/FAU/IPPUR/Coppead	40	39	115	57	54	70	38	30	66	33	30
CT: Poli (blocos B, C, D, F, G e H)/EQ/Coppe (blocos B, C, D, F, G e H)/ Matemática (menos Computação)	24	24	271	31	239	263	224	37	195	149	40
CCMN1: Física/IQ	31	11	115	8	101	110	78	32	88	67	20
CCMN2: Geociências/Computação	56	2	111	7	27	30	18	11	31	16	15
CAp: CAp	52	41	75	48	26	65	18	47	56	9	43
Macaé: Macaé	3	12	37	22	15	37	14	23	52	22	30
Xerém: Caxias	-	-	2	1	1	2	2	0	3	3	0
Votos em Trânsito	-	-	-	-	-	153	-	-	126	68	56
TOTAIS	413	388	1.501	594	883	1.308	816	469	1.239	734	477



CONSELHO MANTÉM REPRESENTATIVIDADE

O mapa do Conselho de Representantes eleito mostra um pequeno crescimento em relação ao processo anterior. Foram indicados 57 representantes titulares contra os 53 indicados em 2017. Os nomes eleitos podem ser conferidos abaixo; a votação, na página eletrônica da Adufrj. Para a presidente da associação docente, Maria Lúcia Werneck Vianna, o novo conselho manteve sua representatividade. “É um conselho bem diversificado, com pessoas das mais diferentes unidades”, diz. A presidente da Adufrj lembra que, embora não tenha caráter deliberativo, a instân-

cia “tem importante potencial de comunicação e de capilarização”. O principal desafio é mantê-lo mobilizado. O caminho, para Maria Lúcia, é a realização de rodízios de locais e de horários. Entre os momentos mais significativos do Conselho de Representantes que se encerra, Maria Lúcia destaca a reunião imediatamente após a execução da vereadora Marielle Franco, em março do ano passado. “Saímos todos da Praia Vermelha diretamente para o ato na Cinelândia. Foi muito importante”, justifica. Já a presidente eleita da Adufrj, pro-

fessora Eleonora Ziller, avalia que a relação entre o Conselho e as unidades “é algo que realmente precisamos melhorar”. “A diretoria tem potência de realização importante, mas a gente precisa de representantes nas unidades”, afirma a dirigente. “O CR é o lugar da diversidade, do contraditório, mas onde todos estão juntos em defesa da universidade”, completa. Para Eleonora, a nova gestão contará com um grupo de conselheiros “muito mobilizados”. E a mobilização deve ser garantida a partir de um calendário anual e um funcionamento transparente. **(Elisa Monteiro)**

LISTA DOS ELEITOS AO CONSELHO DE REPRESENTANTES

UNIDADE	TITULAR	SUPLENTE
CAMPUS MACAÉ	GUSTAVO ARANTES CAMARGO	THADDEUS GREGORY BLANCHETTE
CAMPUS MACAÉ	LAIS BURITI DE BARROS	DANIEL DE AUGUSTINIS SILVA
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	FLAVIA ALVES GOMES	SULAMITA INACIO FREIRE
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	MARIA CORDEIRO DE FARIAS GOUVEIA MATOS	LETICIA CARVALHO DA SILVA
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	ULISSES DIAS DA SILVA	CASSANDRA MARINA DA SILVEIRA PONTES
COPPE	CELINA MIRAGLIA HERRERA DE FIGUEIREDO	MARCIA WALQUIRIA DE CARVALHO DEZOTTI
COPPE	FERNANDO ALVES ROCHINHA	FEDERICO CAETANO JANDRE DE ASSIS TAVARES
COPPE	FERNANDO PEREIRA DUDA	FABIO SOUZA TONILO
ESCOLA DE BELAS ARTES	MARIA NORMA DE MENEZES	
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO	CONSUELO DA LUZ LINS	FERNANDO SOUZA GERHEIM
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO	LIV REBECCA SOVIK	FERNANDO ANTONIO SOARES FRAGOZO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL	ALEXANDRE PALMA DE OLIVEIRA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	LUIS AURELIANO IMBIRIBA SILVA	SERGIO PEREIRA ANDRADE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY	ELEN MARTINS DA SILVA CASTELO BRANCO	CLAUDIA REGINA G COUTO DOS SANTOS
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY	WALCYR DE OLIVEIRA BARROS	ANA LUIZA DE OLIVEIRA CARVALHO
ESCOLA POLITÉCNICA	RICARDO EDUARDO MUSAFIR	
ESCOLA POLITÉCNICA	SYLVIO JOSE RIBEIRO DE OLIVEIRA	
ESCOLA POLITÉCNICA	THIAGO GAMBOA RITTO	
ESCOLA DE QUÍMICA	HELOISA LAJAS SANCHES	
ESCOLA DE QUÍMICA	ROSSANA ODETTE MATTOS FOLLY	LUIZ ANTONIO DAVILA
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL	CLEUSA DOS SANTOS	
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL	MIRELLA FARIAS ROCHA	
FACC	PATRICIA MALLMANN SOUTO PEREIRA	
FAU	CLAUDIO REZENDE RIBEIRO	
FACULDADE DE DIREITO	LUCIANA BOITEUX DE FIGUEIREDO RODRIGUES	JULIA AVILA FRANZONI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO	ANA LUCIA CUNHA FERNANDES	ANGELA MEDEIROS SANTI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO	HERLI JOAQUIM DE MENEZES	CLAUDIA LINO PICCININI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO	LUCIANO PRADO DA SILVA	BRUNO GAWRYSZEWSKI
FACULDADE DE FARMÁCIA	LUIS MAURICIO T DA ROCHA E LIMA	
FACULDADE DE FARMÁCIA	YRAIMA MOURA LOPES CORDEIRO	HEITOR AFFONSO DE PAULA NETO
FACULDADE DE LETRAS	BEATRIZ VIEIRA DE RESENDE	
FACULDADE DE LETRAS	FLAVIA FERREIRA DOS SANTOS	
FACULDADE DE LETRAS	LUCIANA DOS SANTOS SALLES	GUMERCINDA NASCIMENTO GONDA
FACULDADE DE MEDICINA	CLAUDIA M. N. DRUMMOND FONSECA	
FACULDADE DE MEDICINA	FERNANDO SILVA GUIMARAES	
FACULDADE DE MEDICINA	SARA LUCIA SILVEIRA DE MENEZES	
INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO	SILVANA ALLODI	CLAUDIA DE ALENCAR SANTOS LAGE
INSTITUTO DE BIOLOGIA	ANTONIO MATEO SOLE CAVA	
INSTITUTO DE BIOLOGIA	DEIA MARIA FERREIRA DOS SANTOS	ANDRE FELIPE ANDRADE DOS SANTOS
INSTITUTO DE BIOQUÍMICA MÉDICA	OLAVO BOHRER AMARAL	JACQUELINE LETA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS	MORGANA TEIXEIRA LIMA CASTELO BRANCO	SANDRA KONIG
INSTITUTO DE ECONOMIA	ALEXIS NICOLAS SALUDJIAN	ESTHER DWECK
INSTITUTO DE ECONOMIA	MARTA DOS REIS CASTILHO	MARIA TEREZA LEOPARDI MELLO
IFCS	HELGA DA CUNHA GAHYVA	
INSTITUTO DE FÍSICA	JOAO RAMOS TORRES DE MELLO NETO	MURILO SANTANA RANGEL
INSTITUTO DE FÍSICA	MIGUEL BOAVISTA QUARTIN	
INSTITUTO DE MATEMÁTICA	BRUNO ALEXANDRE SOARES DA COSTA	ANGELA CASSIA BIAZUTTI
INSTITUTO DE MATEMÁTICA	MARIA FERNANDA ELBERT GUIMARAES	ADEMIR FERNANDO PAZOTO
INSTITUTO DE MATEMÁTICA	NEDIR DO ESPIRITO SANTO	MONIQUE ROBALO MOURA CARMONA
INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO	DANIELA ALVES MINUZZO	
INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO	RENATO DA SILVA MONTEIRO	
INSTITUTO DE PSICOLOGIA	FRANCISCO TEIXEIRA PORTUGAL	
INSTITUTO DE PSICOLOGIA	JOAO BATISTA DE OLIVEIRA FERREIRA	
INSTITUTO DE QUÍMICA	PIERRE MOTHE ESTEVES	CLAUDIO CERQUEIRA LOPES
INSTITUTO DE QUÍMICA	RODRIGO DA SILVA BITZER	
INSTITUTO DE QUÍMICA	RODRIGO VOLCAN ALMEIDA	ALVICLER MAGALHAES
NEPP-DH	FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA	ANA CLAUDIA DIOGO TAVARES

Campanhas, Observatório e debates marcam gestão

> Diretoria ressalta trabalho junto a parlamentares, demais associações docentes e entidades organizativas, além da mobilização para os atos em defesa da educação pública e da ciência

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufjr.org.br

Nos dois anos à frente da AdUFRJ, a diretoria que encerra sua gestão em outubro promoveu diversas atividades:

14 assembleias e plenárias, encontros, palestras, publicações, mobilizações e articulações importantes em defesa da universidade pública, da ciência e da democracia. Todas com divulgação, suporte e cobertura de um setor de Comunicação que cresceu em importância, no período. As realizações do mandato foram apresentadas ao Conselho de Representantes.

Uma das principais frentes abertas foi a criação do Observatório do Conhecimento em conjunto com 13 associações. O observatório faz a articulação com parlamentares para agendar pautas de interesse dos docentes e propor formas de ação contra os cortes.

“A AdUFRJ procurou outras associações docentes. A ideia era juntar forças em Brasília em defesa das universidades e de ficar equidistante da disputa entre Andes e Proifes”, disse a presidente da AdUFRJ, Maria Lúcia Werneck Vianna. Como resultados, ela cita a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades, aberta pela deputada Margarida Salomão (PT-MG). “Temos que estar em Brasília, onde as decisões são tomadas. Estamos à beira de fechar a universidade pública no Brasil”,



disse a presidente da AdUFRJ. Também foi aberta interlocução com deputados estaduais e federais do Rio de diversas legendas, em uma reunião em junho. “Eles receberam muito bem a ideia de formar uma frente no Rio em defesa da Educação e da Pátria”, disse a diretora Maria Paula Araújo.

Os 40 anos da AdUFRJ foram comemorados em abril deste ano. Todos os ex-presidentes foram homenageados com placas comemorativas.

Para ampliar o diálogo com a sociedade, a diretoria promoveu importantes campanhas, como a #UFRJ Sempre - de valorização da universidade -, ou cobrando a elucidação da morte da vereadora carioca Marielle Franco.

O curso “Interpretações sobre o Brasil Contemporâneo”, promovido pela AdUFRJ em 2018, contou com a presença de especialistas para destrinchar a conjuntura brasileira. O curso teve a duração de um mês e meio.



Houve mudança no informativo semanal da associação. Um boletim A4, frente e verso, virou um A4 de quatro páginas. E, atualmente, é um jornal de 8 páginas em formato Berliner. Outra iniciativa no setor foi a criação da TV AdUFRJ, para divulgação de assuntos de interesse do sindicato no Youtube e no site.

A seção sindical ainda participou das manifestações pela Educação, além de promover atividades na rua. A mais recente, em Defesa da Memória, Verdade e Justiça, ocorreu no Largo de São Francisco, so-

bre os desaparecidos políticos. A diretora Tatiana Sampaio ressaltou a melhor interlocução com Sintufjr, APG e DCE. “Destacamos a consolidação da interlocução permanente com outras entidades. Sempre houve, mas tentamos fazer isso de maneira mais orgânica, de estar sempre interagindo”, disse.

Na área sindical, a gestão levou a maior delegação aos congressos do Andes e aos Conads, com docentes convidados como observadores. Entre os serviços aos docentes associados, houve a mudança para um plano

de saúde melhor e o convênio fechado com o Clube de Petróbras, muito usado em Macaé, além da manutenção do plano jurídico. Na infraestrutura, a seção sindical regularizou o espaço da sua sede, no Fundão, e passou a pagar aluguel e luz. Nas finanças, a associação está no azul. “O saldo atual equivale a cinco vezes a contribuição mensal dos associados. Quando entramos, o saldo era três vezes a contribuição mensal”, explicou o diretor e tesoureiro Fernando Duda. Os números estão disponíveis no site da AdUFRJ.

Daqui ninguém me tira, diz IPUB

> Comunidade do instituto está preocupada com remoção a partir do projeto Viva UFRJ

ARTHUR BOMFIM
arthur@adufjr.org.br

Preocupada com uma eventual saída de suas atuais instalações, a comunidade do Instituto de Psiquiatria criou o movimento “Fica IPUB”. O motivo é o projeto “Viva UFRJ”, elaborado pela reitoria anterior para aproveitamento dos ativos imobiliários da universidade. De acordo com um dos desenhos divulgados no site do projeto, a área onde está localizado o instituto poderia

ser explorada pelas empresas interessadas.

Um ato foi realizado na sexta-feira contra a possibilidade de remoção da unidade. “O IPUB tem uma história. Acabou de Psiquiatria criou o movimento “Fica IPUB”. O motivo é o projeto “Viva UFRJ”, elaborado pela reitoria anterior para aproveitamento dos ativos imobiliários da universidade. De acordo com um dos desenhos divulgados no site do projeto, a área onde está localizado o instituto poderia

Além da defesa do instituto, a Casa da Ciência, o Instituto de Neurologia Deolino Couto e o Canecão também foram



ATO Comunidade do IPUB movimentou o campus da Praia Vermelha

lembrados pelos manifestantes por integrarem a área (de até 55 mil m²) disponibilizada para o projeto.

Diretora da AdUFRJ, que

apoiava o movimento, a professora Lígia Bahia destacou a importância do IPUB. “O instituto tem uma tradição importante na estrutura do país e está ligado à

reforma psiquiátrica brasileira. Nós consideramos que o prédio deve ficar com o IPUB”, afirmou.

RESPOSTA DA REITORIA

Em nota, a reitoria da UFRJ declarou que não projeta a retirada do instituto do campus da Praia Vermelha. Afirmou, ainda, que as decisões sobre o projeto serão apresentadas à unidade, à comunidade universitária e às instâncias deliberativas da universidade.

“Neste momento, o projeto VivaUFRJ está na fase de estudos técnicos; nenhuma decisão foi tomada e nenhuma proposta será apresentada enquanto esses estudos não forem concluídos, o que deverá ocorrer até o final de 2019”, diz um trecho da nota.

Cortes do governo impactam extensão

> Principal edital da área, Profaex foi reduzido em R\$ 1,2 milhão e bolsas só estão garantidas até fim do ano, se MEC não desbloquear as verbas da universidade

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

A crise orçamentária causa graves prejuízos à extensão. O mais importante edital da área, o Profaex, foi totalmente cortado na verba destinada à compra de equipamentos ou contratação de serviços. Coordenadores de programas e projetos perderão R\$ 1,2 milhão - R\$ 600 mil neste ano. E a reitoria informa que só há dinheiro para pagar as 1.486 bolsas de extensão até dezembro.

“Perderemos em integração com a sociedade. São serviços de saúde, de advocacia, interação com movimentos sociais. Tudo será afetado”, lamenta a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, caso o contingenciamento seja mantido pelo governo.

Ela também destaca que as bolsas de R\$ 400, ameaçadas de suspensão a partir de janeiro do ano que vem, representam um auxílio importante para vários estudantes. “Muitas vezes, é a bolsa que mantém o estudante no curso”, afirma.

O corte no Profaex não foi a primeira tesourada na Extensão. O contingenciamento imposto pelo governo já impactou a realização do Conhecendo a UFRJ. O evento, que em outras edições recebeu 15 mil alunos do ensino médio para a apresentação dos cursos da universidade, só atendeu a 5 mil em junho deste ano.

A crise atinge, ainda, a Sema-



NA RUA Alunos do projeto de extensão contra o tabagismo participaram do ato da Educação em 15 de maio

na de Integração Acadêmica e a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, marcadas para outubro. Os eventos serão mantidos com restrições na infraestrutura de apoio. Será reduzido, por exemplo, o número de ônibus que trazem os alunos da rede pública.

IMPACTO NOS PROGRAMAS

Voltado para a educação de jovens e adultos, o programa de extensão coordenado pela professora Ana Paula Moura, da Faculdade de Educação, sofre duplamente com o contingenciamento de verbas imposto pelo governo à instituição. Não terá nenhum centavo dos R\$ 20 mil solicitados para publicar os resultados dos trabalhos feitos. E, com o racionamento do uso da frota da universidade, medida anunciada pela reitoria há duas semanas para enfrentar a

crise, ficou difícil o deslocamento dos atuais 10 bolsistas e professores para as áreas atendidas, na Ilha do Governador e na Maré. “Não podemos esquecer que, diferente de um bolsista de monitoria ou de iniciação científica, o bolsista de extensão normalmente atua fora da universidade”, afirma Ana Paula.

A professora enfatiza que a extensão faz parte do processo de formação dos alunos na graduação. Todos os cursos devem dedicar um mínimo de 10% da carga horária para atividades da área. “Como estes meninos vão fazer extensão? Ou vão fazer de forma precarizada ou não vão fazer”, critica. “Estamos com um problema nas mãos”, conclui, diante da dificuldade que o próprio governo cria para a UFRJ cumprir a legislação federal.

Professora da Farmácia, Adriana Passos Oliveira contava

com os recursos do Profaex para comprar insumos do programa de homeopatia para o tratamento do tabagismo. A docente estava empolgada com a taxa de sucesso do trabalho iniciado ano passado. Dos 32 voluntários que permaneceram até o fim da pesquisa, 9 cessaram de fumar após o uso dos medicamentos (28%), 20 reduziram o número de cigarros por dia (63%) e 3 (3%) pararam de fumar antes de receber os medicamentos. “A ideia, com o Profaex, era expandir o programa”, explica.

A professora observa que o custo dos projetos de extensão, em geral, é menor que o da pesquisa e crítica os cortes. “A extensão proporciona pegar um saber gerado na universidade e beneficiar o público com esse conhecimento novo. Quem vai perder (com os cortes) é a própria sociedade”

Capes devolve 3.182 bolsas

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Na última semana, dia 11 de setembro, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, e o presidente da Capes, Anderson Correia, anunciaram a liberação de 3.182 “novas” bolsas da Capes.

As bolsas serão destinadas para programas de pós-graduação de excelência, com conceitos 5, 6 e 7 (1.068, 1.052 e 1.062 unidades, respectivamente). O anúncio aconteceu depois da liberação de R\$ 22,4 milhões do orçamento da agência de fomento.

Se, por um lado, a comunidade científica comemorou a

retomada das bolsas de pós, por outro, o número sequer retoma o patamar de janeiro. Para alcançar o número oferecido no início do ano, a Capes ainda precisa voltar a ofertar mais duas mil bolsas.

O professor Nelson Braga, coordenador do Programa de Pós-graduação em Física, conta que seu programa perdeu duas bolsas da Capes e quatro do CNPq. “Hoje recebemos o comunicado da PR-2 de que há uma previsão de novas bolsas para nós. Mas ainda se trata de uma previsão”, afirma.

O docente reclama que o número é insuficiente para a demanda. “Temos conceito 7. Além das bolsas da Capes que nos

foram cortadas, também perdemos quatro bolsas do CNPq e não há previsão de que elas sejam recompostas”, lamenta. “É um desperdício dos talentos que temos. O clima é de tanta instabilidade que os jovens podem desistir de serem pesquisadores no Brasil”, alerta.

Outra crítica do docente é sobre o valor das bolsas. “Pesquisadores qualificados recebem R\$ 1.500 no mestrado e R\$ 2.200 no doutorado. É um desrespeito com quem se dedica tanto e desenvolve um trabalho de impacto social gigantesco”.

A pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, professora Denise Freire, esclarece que permanece o corte de cerca de duas

mil bolsas para programas 3 e 4 em todo o país. “Muitos destes cursos têm elevada importância social e tecnológica e possibilidades concretas de atingir notas consideradas de excelência”, afirma. “Mas eles serão extintos antes de passarem por um processo de maturação para serem avaliados”, critica a pró-reitora. “Todo esforço dos últimos anos para elevar o número de mestres e doutores nas mais variadas áreas do conhecimento serão abortados”, avalia Denise.

A pró-reitoria terá o balanço de quantas bolsas serão destinadas à UFRJ nos próximos dias.

ORÇAMENTO DA UNIVERSIDADE ESTÁ SUFOCADO

A UFRJ segue com orçamento asfixiado. Em apresentação ao Conselho do dia 12, o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp, informou que o MEC liberou apenas 7% do custeio da universidade no início de setembro, ou R\$ 22 milhões. O problema é que apenas R\$ 5 milhões podem ser utilizados para custear o funcionamento da instituição. Só com contratos, a universidade gasta em torno de R\$ 20 milhões por mês.

O restante da verba só poderia ser aplicado em assistência estudantil. O governo, de acordo com o pró-reitor, sugeriu a troca dos recursos da assistência estudantil para financiar o custeio. “Nós tomamos uma decisão política de não fazer esta solicitação”, explicou Raupp.

Para manter a UFRJ funcionando, a reitoria solicitou R\$ 16 milhões de empenho e uma suplementação financeira emergencial de R\$ 3 milhões. Esta verba seria para pagar empresas que não têm condições de aguardar um mês, normalmente o prazo para recebimento do dinheiro após o empenho das despesas. A reitoria também tenta liberar a chamada receita própria - fruto de alugueis, por exemplo - que superou o limite orçamentário estabelecido pelo governo. São mais R\$ 8 milhões e a estimativa é que o valor alcance R\$ 20 milhões até o fim do ano. “É esdrúxulo. O governo pede para nós captarmos, mas não podemos usar o dinheiro”, disse o pró-reitor.

BLOCO B DO ALOJAMENTO SERÁ RECONSTRUÍDO

A reitoria anunciou, no Conselho do dia 12, que vai reconstruir o bloco B do alojamento - o imóvel sofreu um incêndio em 2017. A obra será realizada com recursos que não estão bloqueados do Plano Nacional de Assistência Estudantil. O edital de licitação foi publicado no dia 5 e a reforma, prevista para durar um ano e meio, deve começar ainda este semestre.

No mesmo período, serão feitos reparos no bloco A. Das 250 vagas existentes, apenas 220 estão ocupadas. Problemas como infiltrações tornam alguns quartos inabitáveis. “Nossa proposta é que, daqui a um ano e meio, o bloco A e o Bloco B estejam prontos para utilização”, disse o pró-reitor de Políticas Estudantis, Roberto Vieira.

QUASE 100

FOTOS: ANDRÉ LUIZ MELLO



UFRJ
faz **100**
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



APRESENTAÇÃO Grupo Violões da UFRJ abriu as comemorações no CBAE

Uma extensa agenda com exposições, debates, campanhas e atividades culturais vai marcar a contagem regressiva para o centenário da UFRJ. O anúncio foi feito na comemoração dos 99 anos da universidade. O trabalho é desenvolvido em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura (FCC).

As primeiras propostas foram apresentadas em cerimônia realizada, na quinta-feira (12), no Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE), que comemora 15 anos de existência. “Queremos pensar a valorização da memória e do legado, os desafios que precisarão ser enfrentados e a universidade que queremos ser daqui a 100 anos”, disse a coordenadora do FCC, professora Tatiana Roque. A docente anunciou a formação de sete comitês para garantir a programação: memória, arte, comunicação, financiamento, mapeamento de ex-alunos, atividades externas e relações institucionais. Os grupos são abertos à participação da comunidade.

“Não vamos nos encastelar. Não é isso que a sociedade espera da universidade no século XXI”, afirmou a reitora da UFRJ, Denise Pires, durante a cerimônia. Entre os desafios, a reitora destacou o papel da universidade para a justiça social, preservação do meio ambiente e desenvolvimento da inovação. Para dentro, a reitora propôs “mais ousadia” e “menos hierarquias”, destacando aspectos como a interdisciplinaridade e aproximação entre graduação e pós.

Também na mesa, o vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha reforçou o prota-

gonismo da instituição. “A importância da UFRJ nesse momento do país é ímpar. Vamos comemorar bastante os 100 anos e abrir os caminhos para os próximos 100”, disse o docente, que encerrou a atividade.

DOZE MESES

A proposta é contemplar passado, presente e futuro da universidade. O primeiro eixo, explica a diretora do CBAE, professora Ana Célia Castro, diz respeito ao legado da maior federal do Brasil.

Segundo ela, exposições descentralizadas buscarão resgatar o patrimônio histórico das unidades da universidade. O material dará origem a uma grande mostra, no mês que completará o centenário.

O presente será marcado por reflexões sobre “a crise que vivemos e como a universidade se reinventa para responder situações tão problemáticas”, adianta a professora. As parcerias institucionais também serão valorizadas por meio da hashtag #AQUITEMUFRJ. “A ideia é espa-

lhar pela cidade uma série de totens nossos nos mais diversos locais onde a UFRJ se faz presente”, explica Ana Célia. “São Minervas de todo tipo que vão ser elaboradas por artistas de grande renome”.

Para fechar, o porvir será abordado em dois momentos, em um ciclo chamado Amanhãs Desejáveis, programado para o mês de abril, e, finalmente, pelo UFRJ+100: Propostas para o Brasil, já em outubro. “São temas de consenso entre todos nós, certamente, como o câmbio climático, a desigualdade e o impacto das transformações tecnológicas sobre o emprego e a sociedade”.

Um aperitivo do que se pretende foi a sequência de palestras que fecharam a noite no CBAE. Sob o título “Novos paradigmas”, Nelson Barbosa (docente da UnB e ex-ministro do Planejamento e da Fazenda) falou sobre o Novo Pacto Verde; Elisa Reis (Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia/UFRJ), dos desafios das ciências sociais; e Stevens Rehen (ICB/UFRJ), sobre a reinvenção do cientista.

VII BIENAL DA EBA ESTÁ EM CARTAZ NO PAÇO IMPERIAL

■ Está em exposição no Paço Imperial, no Centro do Rio, a VII Bienal da Escola de Belas Artes da UFRJ. O tema escolhido para o evento, em cartaz até 13 de outubro, é “A Diversidade”. A expressão sonoriza de forma ambígua uma característica que potencializa a Escola, ao mesmo tempo que retrata o momento adverso pelo qual passa – a unidade ainda se recupera do incêndio no prédio da reitoria, em 3 de outubro de 2016.

“Desde o seu início, em 2007, a Bienal da Escola de Belas Artes tem se dedicado à formação de um espaço de diálogo entre seus diferentes cursos e a sociedade, contribuindo de forma decisiva para a valorização da produção artística universitária”, diz o texto de divulgação do evento no Facebook. Um dos 45 novos talentos da



EBA selecionados para a Bienal é Thalita Magalhães, educadora e estudante do curso de Licenciatura em Artes Plásticas. A artista apresenta uma série de 12 fotografias intituladas “Colheita”, onde explora a beleza, pluralidade e história das mulheres de

sua família.

Já Carina Barros é graduada pelo curso de Gravura. A artista tem experimentado o audiovisual como linguagem. Animações repulsivos e banais são assuntos recorrentes em seus trabalhos. O Rato, em exibição na VII Bienal, é seu trabalho de estreia em vídeo-arte. A ideia é lançar uma reflexão sobre os conceitos de aprisionamento e marginalidade.

A arte como protesto também está representada. A série de pinturas de Juliana Trajano, da Licenciatura em Artes Plásticas, se inicia no ano de 2018, com um trabalho de instalação artística que abordava o extermínio de pessoas negras pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. O trabalho propõe uma reflexão sobre o racismo estrutural do Estado, que se manifesta pela violência policial.



DIVULGAÇÃO

NOVOS TALENTOS
Parte dos artistas da EBA que criaram as obras da Bienal

AdUFRJ

JORNAL DA ADUFRJ / REDAÇÃO: COORDENAÇÃO: ANA BEATRIZ MAGNO **CHEFIA DE REPORTAGEM:** KELVIN MELO
EDIÇÃO: ANA PAULA GRABOIS, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **REPORTAGEM:** ANA PAULA GRABOIS, ELISA MONTEIRO, KELVIN MELO E SILVANA SÁ
DESIGN: ANDRÉ HIPPERTT **ESTAGIÁRIOS:** ARTHUR BOMFIM E GIULIA VENTURA **TI:** EDUARDO VALDOSKI